

ficiência tireoideia, por insuficiência supra-renal, por insuficiência hepática, por debilidade motora, por psicastenia, por barragem, por epilepsia. E o colégio ignora isto muitas vezes.

E' preciso contar com tudo isto e com muito mais: com as crises de crescimento e do desenvolvimento normal sob o ponto de vista nervoso. Os colégios, os professores, os encarregados de educação, sabem isto? Diz Grimbert: «Devemos reconhecer que a educação corrente é defeituosa sempre que não é feita individualmente.»

A pedagogia é uma ciência de adaptação. E' preciso dirigir cada criança segundo as suas aptidões ou as suas insuficiências nervosas e mentais. Pais, educadores e professores deveriam entender-se para favorecer o exame neurológico e psiquiátrico dos «sub-normais», despistá-los primeiro, tratá-los em seguida.

*

E' raro encontrar um pai, ou um professor, que tendo de educar uma criança constantemente preguiçosa, ou mentirosa, ou ignorante, ou turbulenta, ou comilona, ou inatenta, ou cruel, ou tímida, etc. . . , não dê logo a êste defeito uma interpretação puramente moral. A criança é sempre tratada como um culpado. Avisam-na; castigam-na.

Ora a criança não é sempre culpada, muitas vezes é doente. E' um êrro grave não os tratar como tal. Deforma-se-lhes a consciência criando-se-lhes responsabilidades sem objecto; passam a julgar-se maus sem o serem e

resignam-se a isto, o que é um comêço de corrupção.

E' preciso investigar se o mal não terá uma raiz puramente fisiológica; e se o tiver, consultemos o médico.

*

Certos pais enganam-se ainda na educação dos filhos porque lhes é impossível aceitar, que tenham defeitos a corrigir, ou que sejam verdadeiramente anormais. Se a tara é visível, evidente (raquitismo, paralisia, etc) é claro que a aceitam; mas se é escondida, inconsciente, subtil, se se manifesta sòmente por um certo desequilíbrio do carácter ou do espirito, não há maneira de os convencer.

Contudo, é preciso convencê-los. E' ainda ao médico que cumpre esta tarefa. O educador suspeita que a criança não é normal; só o médico saberá pôr isto em evidência.

A experiência mostra que há uma tendência a educar as crianças que parecem mais ou menos atrasadas ou anormais como se não o fôsem, e por consequência, a fazê-los progredir com métodos que batem em falso, sem prazer e sem sucesso. Acontece mesmo que o carácter do educador opõe-se ao da criança de tal modo que os conflitos são freqüentes tornando doentes para sempre temperamentos frágeis, e que seriam saudáveis se os tivessem compreendido, aconselhado e dirigido correctamente.

A pedagogia e a medicina devem dar-se as mãos para fazer das crianças anormais homens úteis a si mesmo e à sociedade. . . quando isso fôr possível.

C H A R M O T